

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.3 • 2022 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2022v9n3p480-494



PONDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA NO VIVER CONTEMPORÂNEO

ETHICAL CONSIDERATIONS FOR CONTEMPORARY LIFE

CONSIDERACIONES SOBRE LA ÉTICA EN
LA VIDA CONTEMPORÁNEA

Antonio Luiz da Silva¹

RESUMO

Neste ensaio tomarei a ética para ponderação. Situando-a na história humana, indicarei seu aparecimento formal a partir da cultura e experiência gregas. Tentarei diferenciá-la de outras manifestações intelectuais próximas, realizando possíveis definições do que vem a ser ético ou não ético. Buscarei observá-la no momento contemporâneo, referenciando-a na crise societária em que vivemos, vendo-a como palavra machucada, por vezes esvaziada de sentido e ‘perseguida’. Utilizarei sua conceituação para pensar situações hodiernas, trazendo exemplos apresentados tanto no parlamento nacional quanto no viver ordinário e histórico das pessoas da nação. Por fim, procurarei indicar a importância da permanência de um pensar e repensar sobre a ética em nossas ações cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE

Ética. Moralidade. Cotidiano. Comportamento. Política.

ABSTRACT

In this essay I will take ethics for consideration. I will situate the appearance of ethics in human history, indicating its emergence in Greek culture. I will try to differentiate it from other intellectual manifestations, realizing possible definitions of what is ethical or unethical. I will observe ethics in the contemporary moment, presenting ethics in the crisis of the senses in which we live. I will show that ethics is a word that is hurt, hurt, persecuted. I will also use ethics to think about current political behavior, bringing examples presented in the national parliament and the ordinary and historical behavior of the people of the nation. Finally, I will indicate the importance of the permanence of a thinking about ethics in our daily actions.

KEYWORDS

Ethics. Morality. Everyday. Behavior. Politics.

RESUMEN

En este ensayo tomaré la ética para la discusión. Yo iré, en primer lugar, a situarla en la historia humana, indicando su aparición formal a partir de la cultura y experiencia griegas. Intentaré diferenciarla de otras manifestaciones intelectuales cercanas, estableciendo posibles definiciones de lo que viene a ser ético o no ético. Después, la observé en el momento contemporáneo, referenciándola en la crisis societaria en que vivimos, viéndola como palabra sufrida, vaciada de sentido y “perseguida”. Utilizaré su conceptualización para pensar situaciones hodiernas, trayendo ejemplos presentados tanto en el parlamento nacional como en el vivir ordinario e histórico de las personas de la nación. Por último, procuraré indicar la importancia de un pensar y repensar sobre la ética en nuestras acciones cotidianas.

PALABRAS CLAVES

Ética. Cotidiano. Comportamiento. Relaciones. Política.

Caminheiro, você sabe, não existe caminho.

Passo a passo, pouco a pouco e o caminho se faz.

Iguais, são todos iguais, ninguém tem coragem sequer de pensar.

Será que ninguém é capaz de sentir esta vida e com ela vibrar?

Será que não vale a pena arriscar tudo, tudo e a vida encontrar?

(Astúlio Nunes)

1 UMA BREVE INTRODUÇÃO

Toda ética é produto de uma existência situada num tempo histórico e num espaço geográfico, inclusive quando pleiteia a universalidade. Toda ética, mesmo apresentando-se em formatos teóricos bastante abstratos, se aclara com mais vigor nos interstícios do viver, do agir contínuo, do conviver, da ação conjunta, do conflito, do confronto. Toda ética é construção social em seu sentido mais pleno e negociado na comunidade humana. É por meio da cotidianidade que ela, saindo dos livros e das abstrações sofisticadas, se atira para a vida ou emerge do viver.

Toda ética só se materializa no cotidiano, no conflito humano de um mundo em permanente construção. Aliás, como pensam Sung e Silva (2008, p. 26): “O mundo humano é um mundo aberto, isto é, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade humana”. Feita de mundo, a ética também é assim. Portanto, é no dia a dia que a ética pode aparecer, se perfilar e se dar a conhecer em meio às muitas situações que ‘acocham’ os seres humanos, de um lado e do outro, exigindo respostas sempre novas, muitas vezes sem uma saída fácil ou sem uma solução de porta única.

Disso se depreende que toda ética só pode ser pergunta à procura de resposta. Como o existir, ela não está pronta. E quando pronta fica, de pronto, passa a pertencer a outra categoria que não mais à ética em seu sentido mais indagativo, filosófico, abstrato e intelectual. Nenhuma ética é uma solução antecipada. Por isso, que ninguém se engane, todo caminho da ética é feito sempre numa via de mão dupla, de mão múltipla. E se a ética é uma abstração que se materializa na vida, é porque também a vida lhe oferece a matéria para a sua existência especulativa.

Como produção de uma coletividade, a ética se dá na encruzilhada humana. Por isso, para Cortella (2016, p. 51): “[...] não existe ética individual. Ética é sempre de um grupo, de uma coletividade”. E de fato, a ética resulta do encontro, do confronto, das trombadas com a alteridade... Nesse sentido, como mostra Tiburi (2014, p. 187): “O outro é o conceito fundamental da ética. O outro é aquele que me precede. Que me constitui em termos ontológicos e psicológicos. [...] em termos éticos ele é, fundamentalmente, aquele com quem me relaciono em um dado contexto”. Sem o outro, sem uma noção de coletividade, sem as muitas alteridades ética nenhuma haveria.

Contudo, é ainda verdadeiro que o outro não aniquila as responsabilidades inerentes ao eu, mas coloca o dedo na ferida interrelacional. Aliás, pensando a partir de Lévinas, como ensinou Paula (2005, p. 418): “A relação com o Outro não suprime a liberdade do eu, mas questiona seus poderes e o coloca diante das exigências da justiça”. Sim, o ‘eu’ pode até ser relativamente livre numa determinada sociedade, mas não pode se esquecer que frente a si existem outros ‘eus’, expressos numa coletividade, tam-

bém gozando ou devendo gozar dos mesmos estatutos. Assim, também para Eagleton (2010, p. 2010): “O ético é um reino privilegiado onde o Outro volta sua face luminosa para nós e nos apresenta alguma inescrutável, mas inelutável, exigência”. Nesse sentido, o outro é a medida da ética.

Neste ensaio tomo a ética para ponderação, amparando-me em autores e pensadoras de diferentes áreas, embora dando preferência aos pensadores e autoras da filosofia. Não será, de forma alguma, uma reflexão neutra ou que se interesse por formas assépticas de intelectualidade, advirto desde logo. Também não será a palavra de um perito. Para facilitar a leitura dividi os argumentos do texto em seis partes, considerando essa pequena introdução e uma breve conclusão. Na sequência, procuro situar a ética na história humana, pontuando sua aparição a partir da experiência grega.

Em seguida, faço aproximações de possíveis definições do que vem a ser o ético ou o não ético, diferenciando a eticidade daquilo que entendo por moralidade e legalidade, por exemplo. No passo adiante, discuto a ética no momento contemporâneo, apresentando-a na crise de sentidos em que vivemos, mostrando-a como palavra machucada, ferida, perseguida, esvaziada. Após isso, utilizo o tema da ética para pensar o comportamento político hodierno, trazendo exemplos largamente apresentados no parlamento nacional e no comportamento ordinário e histórico das demais pessoas da nação. Por fim, procuro mostrar a importância de um pensar sobre a ética em nossas ações cotidianas, destacando sua implicação indagativa permanente para o existir humano.

2 A ÉTICA SITUADA DESDE SUA ‘APARIÇÃO’

De certo todos os povos, em todos os tempos e em todos os lugares, produziram ideias que poderiam ser consideradas pertencentes ao universo que a comunidade humana entende hoje como ‘região sagrada’ da ética. Entretanto, como os autores costumam observar, a discussão ética mais antiga e mais vulgarizada na atualidade tem sido aquela proveniente da cultura grega (VALS, 1994; RUSS 2015; FIGUEIREDO, 2008; SUNG; SILVA, 2008).

Conforme Valls (1994, p. 24): “A reflexão grega neste campo surgiu como uma pesquisa sobre a natureza do bem moral, na busca de um princípio absoluto da conduta”. E, apesar de haver discussões anteriores a respeito da ética, naquela e em outras civilizações, a sistematização verbal amplificou-se com Sócrates, tomando a forma escrita mais volumosa e sistemática, de acordo com Valls (1994), a partir de Platão e Aristóteles.

Além disso, embora tenha se tornado bastante laica na atualidade, como ainda reflete Valls (1994, p. 24-25): “Ela procede do contexto religioso, onde podemos encontrar o cordão umbilical de muitas ideias éticas, tais como as duas formulações mais conhecidas: ‘nada em excesso’ e ‘conhece-te a ti mesmo’”. No entanto, é bom que se frise que ao longo do seu caminho a ética se renovou de tal forma que se tornou muito mais espiritual que religiosa. E assim passou a pertencer a várias correntes e não apenas ao santuário dos deuses da religiosidade grega.

Alumio ainda que apesar de no presente haver sido carregada para muitos campos dos saberes e dos fazeres humanos, enquanto palavra ‘abarrotada’ de sentidos próprios, a ética, mesmo procedendo de ‘contexto religioso, o santuário de Delfos’, tem sido tomada de empréstimo ou de assalto

ao mundo da filosofia, especialmente de seu subcampo a metafísica. É importante nunca perder de vista esse seu pertencimento.

Está claro, dentro do universo dos conhecimentos e saberes humanos – assim como a cultura, o parentesco, o elétron, o protozoário, o ácido cítrico, o desenvolvimento, a diplomacia, a mitocôndria, a esquizofrenia, a subjetividade, o semiárido, o território, a escatologia, o comportamento, o funcionamento intestinal, o inconsciente etc., que são expressões de campos específicos, mesmo que aqui e acolá ultrapassem as soleiras das possessões primevas – também a palavra ética tem ‘dono’.

Pela reflexão dos parágrafos anteriores, é válido destacar, mesmo que a ética venha se renovando em discussões sempre profícuas no correr dos tempos, que ela é uma invenção velha, mais que milenar, resultante de um longo caminho especulativo feito pela espécie humana na história. Então, da mesma forma como se atribui o direito aos romanos, a medicina aos egípcios, penso que é justo tributar o melhor florescer do conhecimento ético a esse grupo humano específico: o grego.

Assim como se deve acatar que a ética é ‘invenção’ grega, deve-se também aceitar que ela foi parida a partir do ‘ventre mental’ da filosofia. Aliás, no entendimento de Cortina (2000, p. 32): “Que a ética seja parte da filosofia não parece ser posto em dúvida no momento, ao menos explicitamente”. Isso é ponto pacífico. Porém, esse consenso mais silencioso esconde outro dado, como também reflete a pensadora já acima citada: “Que a ética não poderá cumprir sua tarefa, a não ser como parte da filosofia, é declaração menos explícita, talvez porque é uma suposição implícita” (CORTINA, 2000, p. 32). A ética é da filosofia. Ponto. Terá sentido fora dela? Do que se pode observar, ela se sustenta fora da filosofia, às vezes menos filosófica, assumindo vieses mais legalizadores e mais moralizadores. E, óbvio, nesse aspecto vale deixar dito que dentro e fora da filosofia, a ética embebeda-se em ares de disputas.

A propósito da discussão acima, recorro às palavras de Sung e Silva (2008, p. 34): “Devemos sempre nos lembrar que a existência de normas morais pressupõe a existência de conflito de interesses”. Assim é prudente destacar que fora desse campo, fora da filosofia, todos os demais graduados, mesmo quando atrevidos falantes da ética, correm todos os riscos de apenas emitirem pequenos balbucios ou tímidos palpites nessa temática.

Resgato, no entanto, que embora tenha ‘dono’, e é de bom alvitre que se reconheça como tal, como saber plasmado na *polis*, no coração do viver coletivo, a ética não é e nem seria jamais um conhecimento isolável. E mesmo que apareça historicamente no encaixe específico da filosofia, da moral e/ou da jurídica, no contemporâneo cabe, perfeitamente, numa narrativa mais afeita ao interdisciplinar. Desse modo, a ética é argumento interdisciplinar com conteúdo transversal em sua compreensão mais completa. Por isso, é justificável que, mesmo tateante, mesmo não ‘autorizado’ por ‘canudos’ específicos, as questões da ética tanto no campo da convivência humana quanto em quaisquer outros campos que envolvem seres humanos sejam problematizadas.

3 A ÉTICA DIFERENCIADA DAQUILO QUE ELA NÃO É E DAQUILO QUE ELA NÃO REPRESENTA...

A comunicação pronunciada sobre a ética, usualmente, desfila num discurso que se exhibe na ‘plataforma do controle’, ‘do não pode’, ‘do isso é errado’, ‘da proibição cabal’. E, diga-se de passagem,

essa argumentação pouco necessária ao redor da ética, resvalando em confusão, é uma balbúrdia perdida. Nesse discurso, frequentemente, confundem-se duas direções, a ética e a moral, como se ambas fossem uma única coisa. Mas essa confusão não está feita apenas por pessoas estrangeiras à filosofia, ela está tanto na linguagem comum quanto na maneira culta de se expressar.

E para Boff (2016) isso deve à dificuldade que se instalou entre gregos e romanos na transposição discursiva dessa questão quando veio de um povo ao outro. “Mas, aprofundando a questão, percebemos que ética e moral não são sinônimos” (BOFF, 2016, p. 37). Por isso, tenho sempre a impressão de que aquilo que se tem tomado por ética, frequentemente, ética não é. Portanto, é preciso ter em mente que em muitos debates sobre ética nem tudo que parece é... Aliás, muitos dos temas que encerram os debates nunca foram da alçada da ética.

Não pertencem à ética simplesmente porque já não têm indagação, ou porque não existe mais abstração alguma e, o mais comprometedor, não parece haver nenhuma evocação ao espanto, categoria típica do filosofar. Se julgarmos necessário separar, é importante ter em vista que, como assegura o acima citado pensador, “A ética é parte da filosofia. [...] A moral é parte da vida concreta” (BOFF, 2016, p. 37). Quer se queira ou não, a ética é pergunta inocultável, é palavra que não se cala jamais. A moral é palavra assentada. Trocando-se uma pela outra haverá sempre o risco de uma se esvaziar.

Agora, se por um lado, como acima refletido, a ética corre o risco de se esvaziar de seu sentido, sendo pronunciada descuidadamente no tapume de um ‘não sendo filosófico’ e mesmo prático, enganchada em toda sorte de ‘não pode’ cotidiano, por outro lado e ao mesmo tempo, é importante reconhecer que ela tem tido, no momento presente, o seu uso amplificado. Atrapalhadamente dela se fala, fala-se mal, mas se fala. Quem sabe esteja aí uma vantagem a ser depurada no futuro. Quem sabe não sairá das fendas da crise moral, porque passamos uma solução...

Sem dúvida, a ética é hoje palavra de toda boca. E cada vez mais as pessoas falam dela, com ou sem cuidado, com ou sem sólida argumentação, tentando dar à palavra a sua definição, muitas vezes dizendo o que é ético ou ponderando se isto ou aquilo é ou não ético. Aliás, de alguma forma, existe um limiar que exemplifica, em todo humano, o tolerável e o inaceitável no que tange à eticidade. Diria até, comungando com Cortella (2016), que todo ser humano, a menos que seja legal e intelectualmente incapaz, ‘tem’ ética, ‘se orienta’ por alguma sorte de ética, ‘entende’ a ética de seu grupo, mesmo quando tenta feri-la de morte.

Via de regra a ética é também confundida ou tomada como sinônimo de ‘caráter’, ‘bons modos’, ‘boas maneiras’, ‘bons costumes’, ‘gestos educados’. Não digo que esses elementos não pertencem a ela. Mas isso, por si, não é ética. Ser um cidadão educado ou ser uma pessoa que cumpre as normas, não significa, obrigatoriamente, ser ético. De acordo com Boff (2016, p. 37): “Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. [...] Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados”.

Alumiarei o argumento acima com um exemplo...

Imagine-se um juiz que ganha inclusive um salário muito bom, no sentido de que lhe daria condições de viver muito dignamente com sua família. Esse salário, que já é satisfatório, quando a ele se somam ‘pedericalhos econômicos’ e vantagens do cargo acaba alcançando um rendimento financeiro

que se põe bem acima do teto estabelecido constitucionalmente... Pode esse juiz imaginário pleitear auxílio moradia, por exemplo, numa verba superior a quatro salários mínimos? No entendimento que tem crescido no coração da nação, esse comportamento não é só fora da moralidade individual, mas é, sobretudo, afrontoso socialmente.

E, embora legal, feito por um sujeito tido como ‘cidadão de bem’, até mesmo por um cidadão preocupado em combater a corrupção, pode ser completamente antiético, porque inscrito num cabide de privilégios históricos que desrespeita uma coletividade inteira, agredindo uma multidão de empobrecidos e miseráveis que não tem não apenas onde morar, mas o mais elementar, não tem o que comer. Em caso semelhante, utilizando aqui a ridendo expressão de Tiburi (2014, p. 89): “A ética está morta a pauladas; a moral, contudo, está mantida”. E isso porque esse cidadão encontra-se agindo completamente dentro da legalidade.

Assim, agir de acordo com os parâmetros que se tornaram costumeiros ou mesmo dentro de esquemas que se encontram legislados nem sempre se evita o perigo de se correr por fora dos princípios éticos. “Uma pessoa pode ser moral (segue os costumes até por conveniência), mas não necessariamente ética (obedece a convicções e princípios)” (BOFF, 2016, p. 37). Estar dentro da lei e agir legalmente têm sido apenas estar dentro das leis criadas por uma determinada classe social. Ao que me parece por muitíssimas situações, ser homem ou mulher da lei não significa ser homem ou mulher de posturas éticas.

A rigor a ética é um saber, um corpo encadeado de conhecimento. Como corpo de conhecimento, a ética é a mais sublime e permanente indagação filosófica pelo que é o bem e o bom em termos coletivos e pelo que é o correto, o íntegro e o justo individualmente. E, pensando a partir de Aristóteles, como reflete Figueiredo (2008, p. 2): “[...] a ética serve para conduzir as ações humanas a respeito das boas ações (virtudes) ou das não-éticas, as más (vícios)”. A ética assim é a pergunta pelos princípios que orientam o agir numa existência concreta. E nesse sentido, penso que saber se conduzir no contexto contemporâneo não é um conhecimento que seja importante apenas para uns e prescindível a outros.

Como bem coloca Savater (1995, p. 21): “Saber o que nos convêm, quer dizer: distinguir entre o bem e o mal, é um conhecimento que todos devemos tentar adquirir, todos sem exceção [...]”. A ética, portanto, não é coisa de padres, pastores, líderes ou filósofos. E não é coisa para cientistas e pesquisadores somente. É conhecimento para cristãos ou não cristãos, para quem crer ou não, para quem pratica ciência e para quem nem teve formação, e nesse aspecto pouco importa a condição ou a preferência individual. A ética é conhecimento válido para conduta social e pertence ao campo da racionalidade humana.

Ficou acima dito que a ética era conhecimento, mas que era também pergunta. A pergunta ética é sobre o que é o bom, o bem, o mau, ou o mal. Porém, é bom que se alumie que essa indagação, mesmo quando feita no âmbito privado, só tem sentido em referência ao coletivo. Dando um passo adiante, é preciso reconhecer ainda que a ética está para além da indagação tanto nas práticas individuais quanto nas coletivas. Partindo do pressuposto de que a ética é uma forma histórica do humano habitar o mundo, segundo Sais, Zanella e Zanella (2007, p. 323): “Ética, nesse sentido, é uma postura que se pauta pelas noções do que é bom ou mau para a vida, para a existência humana”. Existência que não se dá de modo desconectado da teia maior formada pelas relações do humano no mundo.

É verdadeiro, como entrevisto anteriormente, que a ética frequentemente beira ou resvala em confusão quando alguém, sem o cuidado apropriado, ousa assegurar que um determinado compor-

tamento/atitude é/foi ou não é/não foi ético. Em muitos casos penso que seria preferível estabelecer sutis e didáticas diferenciações. Há situações nas quais o mais adequado seria dizer se essa e/ou se aquela atitude, se esse e/ou se aquele comportamento foi/foram ou não de ordem moral, amoral ou imoral. A questão seria: a ação ocorreu como de costume, saiu ‘como manda o figurino’? Ou ainda, a pergunta mais apropriada poderia ser se nesse ou naquele comportamento os códigos sociais esperados para a conduta foram deixados de lado. Está aceito esse e/ou aquele comportamento?

Quando numa discussão cotidiana se questiona se um comportamento ou atitude fere uma normatização social, uma conduta específica se está falando de uma normalização comportamental, uma norma daquela sociedade. Logo, as expressões comportamentais e atitudinais ordinárias e cotidianas não deveriam ser avaliadas em termos éticos sem ressalvas. Pois o saber que nesse conjunto de argumento se configura melhor já pertence a outro *corpus*, o qual deveria ser chamado de moral.

Aliás, como bem reflete Cortina (2000, p. 24): “A filosofia, incluso sua vertente ética, não tem como missão dirigir diretamente a conduta, porque esta tarefa compete à moral e à religião”. Sim, ao menos didaticamente, a moral deve ser diferenciada da ética. A moral é da ordem dos costumes, da conduta ordinária, da norma. A moral normatiza como se deve viver no cotidiano, mesmo sendo da ética a pergunta filosófica que embasa essa conduta. E nesse aspecto, moral, jurídica e ética se enamoram, mas não necessariamente ‘se casam’ sem conflitos.

Uma norma moral pode virar um código jurídico, numa um código ético. Aliás, códigos éticos não existem. Nesse sentido, os códigos de éticas das profissões nada mais são que arranjos jurídicos estabelecidos. Eles não são nem códigos morais e nem códigos éticos. Os códigos de éticas das profissões deveriam ser chamados apenas códigos jurídicos. A ética não se transforma nem em moral nem é código. Sempre que existe um código há a cristalização de uma conduta já tida como amplamente aceita, que nem mais tem razão de ser questionada por um bom longo tempo. Com isso não quero dizer que a ética não embasa a jurídica e a moral, porque isso ela pode, e se há ética na jurídica e na moral é apenas na argumentação que as fundamenta. Logo, uma não pode ser trocada pelas outras.

4 A ÉTICA EM CRISE NA ENCRUZILHADA DOS SENTIDOS CONTEMPORÂNEOS

Quando se pensa o ‘palavrório’ ordinário em torno dessa questão, entende-se que, sem dúvida, a ética é uma palavra que sofre. E me parece que ela sofre no mundo inteiro. Como assegura Cortella (2016, p. 52): “Hoje a ética da vida, ética de coletividade, que é uma das formas mais forte para a elevação de nossa condição, vem sofrendo vários abalos”.

Apesar de assentada em princípios que não podem ser facilmente negociáveis em flexibilizações e ‘relativizagens’, como por exemplo a defesa intransigente da vida, a luta incansável pelo bem, a busca pelo bem comum, o permanente bem agir, o ideal da felicidade humana, ela não é, nem de longe, unanimidade local, nacional ou mundial.

A ética está no encaixe/desencaixe dos diversos jogos humanos e em interesses muito poderosos. Por isso, para além de ser um conteúdo com ‘donos’, ela é também um campo em ‘disputa’.

Talvez por ser um conhecimento com ‘dono’ e ainda um campo em ‘disputa’, a sonoridade de tudo aquilo que ela evoca nem sempre tem soado confortável a todos os grupos humanos, alguns dos quais, nas sociedades contemporâneas, por vezes, tendem a lhes oferecer moucos ouvidos ou a pronunciá-la à revelia de seu sentido mais original.

Desde sua invenção no mundo antigo, como várias outras importantes palavras do vocabulário humano, a ética tem sido condenada à pouca compreensão e/ou à compreensão de poucos. Assim, desde sempre ela tem sido palavra dada à balburdia da *polis*, muitas vezes pronunciada na ‘pancadaria’ verbal. E, por estar no ‘barulho’ ordinário do cotidiano, na disputa ideológica, não pode ser entendida numa redoma. Uma ética asséptica, perfeita, hegemônica e harmônica talvez não exista no mundo humano.

A ética conjuga-se com uma série de outras importantes palavras do vocabulário histórico humano, mas todas hoje também ‘machucadas’. Moral, cidadania, urbanidade, participação, política, coletividade, economia, justiça, liberdade, cuidado, compaixão, virtude, dever... todas essas palavras lhe são aparentadas e se exprimem em comunhão e parcerias. Mas, submetidas à mesma sorte, todas estão espremidas em desgastes. Todas, lentamente, umas mais e outras menos, vêm experimentando o longo processo de esvaziamento, se não o semântico, ao menos o filosófico, quase em risco de desaparecerem, se não formalmente do vernáculo, ao menos dos dicionários de valores herdados pela humanidade, caso não lhes ocorra uma melhor sorte.

‘Maculada’ pelo individualismo desenfreado, sofrendo um duro processo de enfraquecimento, o espaço espiritual da ética, se não cuidado, acabará cedendo cada vez mais lugar ao lucro, à ganância, à indiferença, à intolerância, ao desrespeito, à competição desenfreada, à barbárie, à violência... Por esta razão, defende Russ (2015, p. 19-20): “A reformulação da ética é um imperativo: tal reflexão se inscreve no seio das urgências de uma sociedade sem referências, na desordem contemporânea”. Pois, no caminho em que vai, se dela a comunidade humana não cuidar, mesmo permanecendo no ‘parlatório’ das nações, será apenas como uma ‘bolha de sabão’ levada ao ‘baile do vento’. E se penso nas outras palavras suas coirmãs acima alumiadas é possível que todas se tornem palavras de brincadeiras. Exagero da reflexão? Pode ser. Ou não.

5 A ÉTICA PARA PENSAR O MOMENTO POLÍTICO DA NAÇÃO BRASILEIRA

De qualquer forma, o destino da ética parece exigir muito mais do que reformas pontuais. Exige reformulação. Pois, algumas práticas humanas são contemporaneamente tão assustadoras que já parecem não ter por ela nem dó nem comiseração. Atacar, difamar, destruir, prometer impunemente matar, desprezar os mais necessitados, se amesquinhar, ter horror aos mais empobrecidos, culpá-los por seu destino abjeto e quase não humano, não se compadecer pela dor alheia, montar negócios no balcão da corrupção, beneficiar-se do prejuízo de outrem, negociar acusação e ‘duragem’ para amainar a própria pena, mentir, perseguir, julgar na parcialidade seletiva, vazar informações sigilosas, ter dois pesos e duas medidas a respeito de práticas e situações criminosas, enfim... é de se perguntar aonde se vai chegar...

Aliás, a nossa época, como pensam Sais, Zanella e Zanella (2007, p. 323) é aquela, por exemplo, em que “a corrupção ganha a visibilidade que até então lhe era negada”. Se no passado não era totalmente negada, era ao menos escamoteada, porque era vergonhoso deixar a corrupção de todo aparente. Hoje não mais. Instalou-se de vez em nossa sociedade um ideário que quer sempre tirar proveito de tudo. Então não faz vergonha mentir, roubar, botar uma quadrilha para gerir bens públicos e defender seu comportamento contumaz também na esfera pública...

Nesse quadro, falcaturar, esconder dinheiro no estrangeiro, ‘enricar’ ilicitamente, sonegar, surruiar malas de dinheiros alheios, criar ‘laranjas’ na política, roubar, pouco ou muito, quase que não faz nenhuma diferença numa moral que mente. Contudo, lembro aquilo que tem ensinado Tiburi (2014, p. 66): “A lógica das vantagens é inimiga da ética”. Seguramente. Mas não é inimiga das próprias vantagens. Para um grupo de pessoas tem sido vantajoso agir de modo não correto, quase na invertência da lógica que assegura que o crime não compensa.

Ao trazer para perto da ética o tema da corrupção, para além de outros muitos lugares públicos, estou apontando em cheio, desde logo, para a política. Como coisas inventadas pela *urbe* humana, a ética e a política condenaram-se a viver juntas. E se ambas não caminham na mesma direção, a primeira tem a obrigação de apontar as ‘sujeiras’ da segunda escondidas sob o tapete. Como reflete Eagleton (2010, p. 194): “Moralidade é toda sobre fruição e abundância de vida, e para o pensamento clássico, ética e política são quase indistinguíveis”.

Por isso, é preciso também que nos assustemos e nos indignemos com a escalada de pessoas públicas que, sem grandeza espiritual alguma, acabam se autoconcedendo o direito de pronunciar palavras da família da ética não apenas sem domínio, mas sem o menor cuidado ou com um ‘descuidado’ respeito que visa apenas a sua deturpação sistemática. Não sem motivo, da maneira como é veiculada, a ética tem cada vez mais aparecido como reflexão apartada da vida e da coisa pública. Nesse aspecto, me parece que a ética tem sido quase tão deturpada quanto uma certa noção vulgarizada de ‘direitos humanos’ que acabou sendo transmutada em ‘direito de bandido’.

E, de fato, quando se olha muito do comportamento da nação, em suas esferas públicas administrativas municipais, estaduais e nacional, soa escandaloso que órgãos como os parlamentos no Brasil, em suas diversas câmaras e assembleias legislativas, tenham comissões de éticas. Como isso é possível? Quem as ocupa? Para quem se destina as suas ações? Ao dizer isso estou considerando a existência de alguns dos seus exemplares humanos ainda em livre circulação, mesmo quando acusados, com comprovação fartamente documentada, de toda sorte de crime e bandalheira em diversos tons, os quais vão desde derramamento e lavagem de dinheiro, abuso e violência sexual infantil até assassinatos, passando por enriquecimentos nababescos.

Por essa razão, especialmente no mundo da política, muitos já estão sendo acusados de “moralistas sem moral” alguma. A esse respeito, tendo a concordar com aquilo que afirma Cortella (2016, p. 53): “Cresceu muito a ética fingida, exibida apenas de fachada, na qual se prega o que não se pratica”. Ou como adiante acresce o referido pensador: “Ou seja, é uma ética egonarcísica, na qual aparece demais a ideia de que “eu me safando, os outros... o que eu posso fazer?” (CORTELLA, 2016, p. 53).

Assim, prejudicar a saúde, a educação e a segurança de uma nação inteira, congelando investimentos por mais de uma década, amparando-se em aparatos legais, parece ser considerado um

‘pequidinho’ inocente, mais apequenado que uma ‘pedalada fiscal’. Ou um caixa dois vira crime numa situação e deixa de sê-lo quando o criminoso pede perdão. E a lavagem de dinheiro é crime, mas apenas se não for utilizado o nosso sabão...

Ao lado dessa moral meio hipócrita, tem florescido também a moral do dedo em riste, do dedo apontado na direção dos outros, mas encolhido na direção de si. E aqui todo mundo é ético, mas os outros não são...

Bobbio (2016), pensando a ligação existente entre ética e política, apresenta três conjuntos de argumentos teóricos, os quais ele denomina de “monismos corrigidos”, “teorias dualistas” e “dualismo aparente”. De acordo com o seu pensar, há um primeiro conjunto teórico afirmando que a ética para a política deveria ser a mesma empregada para qualquer cidadão comum. Então governantes e governados deveriam seguir os mesmos fundamentos morais.

Existe, também, um outro bloco de argumentação indicando que a ética do político deveria ser completamente diferente daquela exigida para a pessoa comum, entendendo que a política é uma atividade ‘superior’ às atividades dos demais cidadãos, porque envolve a responsabilidade pelo coletivo, quase que justificando os meios, mesmo quando obtusos, considerando-se os fins a serem alcançados. E por derradeiro tem um conjunto de pensares na direção da ética que defende ser a política uma atividade de natureza especial, que requer uma ética própria, como a ética das profissões por exemplo.

Contudo, nenhum dos modelos éticos anteriormente elencados autoriza ‘o vale tudo’ na política e se o homem político se deixa corromper é porque ele, como reflete Bobbio (2016, p. 179): “[...] colocou o interesse pessoal acima do coletivo, o benefício próprio acima do coletivo, a si próprio acima da pátria, transgredindo assim o dever de quem se dedica ao exercício da atividade política e efetuando uma ação politicamente imoral”. Bom, o autor não conheceu a política de ‘lambança’ do Brasil, especialmente a que tem vindo à luz nos últimos anos, talvez ele dissesse: minha teorização aqui não se aplica. Recolhe tudo!

Na verdade, na boca de alguns falantes contemporâneos, os quais não me cabe aqui julgar, isto porque eles já se expõem o suficiente, a palavra ética é pronunciada de modo desatento, quase que sem peso e sem valor. Digo desatento, mas poderia dizer bem atento, com vontade de desvirtuar o sentido. Mas isso não já seria um julgamento? Seja como for, o uso que muitos fazem da ética parece indicar claramente que seu conteúdo não vem ao caso.

Basta apenas que em alguns momentos sejam alegadas coisas vagas como ‘em nome da moral e dos bons costumes’, ‘em nome dos valores cristãos’, ‘da família’ e ‘da tradição’, ‘em nome da religião’ etc. Nesse sentido concordo com aquilo que afirma Eagleton (2010, p. 194): “É verdade que a moralidade muitas vezes tem sido uma maneira de abafar questões políticas concretas, reduzindo-as ao pessoal”. E de fato, em nome da ética e da moralidade, o sujeito defende versões municipais e estaduais de projetos como a aberrante ‘escola sem partido’ ou se posta contra uma tal de ‘ideologia de gênero’ e depois vai preso por corrupção, por roubar dinheiro público. Bom basta. Tem algo inadequado no país tropical e faz tempo.

Assim como a ética não está desvinculada da vida concreta nem da política, ela não está também desligada do povo de uma determinada nação. E trazendo a ética para as relações cotidianas, pensando-a a partir do povo que hoje conforma a nação brasileira, julgo importante não pôr em esquecimento o seu caminho histórico desde a ocupação europeia até o presente. Se o processo ocupacional brasileiro tivesse sido feito de outro modo, com outras perspectivas, com outros elementos humanos, que resultados o país teria? Mas, é o que temos para hoje.

Quando penso que desde seu dito ‘descobrimento’, como demonstrou Araújo (1997), em seu livro *O Teatro dos Vícios*, de certo por haver se tornado morada apropriada para toda sorte de gente, gente inclusive perigosa, práticas tais como corrupção, patrimonialismo e clientelismo, grassavam e galopavam soltas. Portanto, é de se compreender que esta ‘Terra de Vera Cruz’ sempre esteve exposta à pilhagem, à grilagem, à bandalheira, à bandidagem formal, ao surrupiamento fácil, ao enriquecimento ilícito, se é que existe ou existiu algum dia uma maneira lícita de se enriquecer.

Como refletido em Silva (2004, p. 21): “Assim, fidalgo, nobre, malfeitor ou degredado em nada poderiam ser separados. E fizeram a política da ‘boa vizinhança’, restando aos mais empobrecidos apenas a lei do jeitinho, que é também uma forma de se falcatruar por baixo”. De certo, por isso, nos tornamos todos conhecidos como o povo do ‘jeitinho’. O povo do jeitinho é quase um povo descuidado, que tudo permite, numa elasticidade que pode assustar. Que não indaga sobre os fundamentos de sua ação. Que até toma decisões, porque essas seriam inevitáveis, mas ao tomá-las, faz de um modo pouco consequente. E esse modo comportamental pode demorar ainda para mudar.

Se com base na história nacional este foi e tem sido o recalcitrante caso, é interessante entender que aquela ideia de ética de caráter espiritual mais sublime, por não ter tido possibilidade de ser bem plantada, acabou submetida à pressão alheia, a arrochos interesseiros, a perseguições ignominiosas, a solapamentos sem precedentes. E o que sobrou desse broto estamos todos colhendo ainda hoje. Somos o que sobrou desse encontro/desencontro/confronto e tudo isso precisa ser histórica e filosoficamente depurado.

6 UMA PALAVRA PARA FINALIZAR

A ética, como foi entendida no presente ensaio, é um saber de natureza e origem gregas. Embora hoje ‘pertença’ ou tenha sido ‘tomada de assalto’ e esteja em muitos campos, ela é uma palavra da disciplina que a história tem chamado de filosofia. No entanto, a ética saindo da Grécia e da filosofia se espalhou para muitos mundos e para muitos campos disciplinares. Pode-se dizer que todo mundo tem ética ou todos os povos têm uma ética.

Hoje da ética muito se fala. Quase todo mundo dela fala. A ética tornou-se, mais que palavra conceitual, uma expressão que periga ao banal. Transformou-se numa palavra da qual bem mais se fala e bem menos se aplica.

Como fruto de uma existência situada, ao se considerar a ética na história brasileira fica-se inteligível que ela só poderia ter chegado ao momento atual, especialmente na conjuntura política nacional, quase como ‘um não sendo’, uma palavra impronunciável, completamente, despossuída de seu sentido. Por isso, disse acima que a ética é uma palavra que sofre. E o que é ainda mais grave, para uma tristeza mais ampliada, seu sofrer resulta do uso feito não apenas por boa parte das gentes que governam, que mandam e decidem, mas também por muitas daquelas outras pessoas que estão funcionando em condições de subalternidades.

É claro que assim como não está desatrelada da vida nem da política, a ética não está desagarrada dos costumes comunitários que se solidificaram e parecem plasmados nos mais diferentes cotidianos,

tanto no plano local, estadual regional, nacional quanto no plano mundial, a menos que seja tomada como um abstrato ideal inalcançável. E aqui talvez não seja a ética quem deve ser reformulada, refundada, mas a própria humanidade em seus valores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios: transgressões e transigências na sociedade urbana colonial**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.

BOBBIO, Norberto. **O filósofo e a política: antologia**. Organização e apresentação José F. Santillán. Trad. C. Benjamin e V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. (2016).

BOFF, Leonardo. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não se desespere: provocações filosóficas**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CORTINA, Adela. **Ética mínima: introducción a la filosofía práctica**. 6. ed. Madri: Editorial Tecnos, S.A, 2000.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Trad. M. L. Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FIGUEIREDO, Antonio Macena. **Ética: origens e distinção da moral. Saúde, Ética & Justiça**, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v13i1p1-9>.

PAULA, Maria Bernadete G. **Ética e metafísica no pensamento de Emanuel Levinas. Kairós - Revista Acadêmica da Prainha**. Ano II/2, jul./dez. 2005.

RUSS, Jaqueline. **Pensamento ético contemporâneo**. Trad. C. M. César. São Paulo: Paulus, 2015.

SAIS, Almir Pedro; ZANELLA, Andreia Vieira; ZANELLA, Rossana Maria. V. Constituição Brasileira, direitos humanos e ética: algumas considerações. **Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC**, n. 9, jan./jun. 2007.

SAVATER, Fernando. **Ética para amador**. 23. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1995.

SILVA, Antonio Luiz. **O ator de roubar: considerações sobre o roubo punido e não-punido**. (Graduação em Psicologia). Campina Grande – PB Departamento de Psicologia, UEPB, 2004.

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido. **Conversando sobre ética e sociedade**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TIBURI, Márcia. **Filosofia prática: ética, vida cotidiana, vida virtual**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Col. Primeiros Passos, 177).

Recebido em: 20 de Março de 2022

Avaliado em: 18 de Agosto de 2022

Aceito em: 7 de Novembro de 2022



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2022 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Doutor em Psicologia – UFRN; Mestre em Antropologia – UFPB; Especialista em Gestão Escolar – FAK-CE; Licenciado Pleno em Psicologia e Formação de Psicólogo – UEPB; Servidor público da Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba; Membro do grupo de estudos e pesquisas CRIAS – Crianças, Sociedade e Cultura – UFPB.
E-mail: tonlusi@hotmail.com

